



Poesia Matuta, Folkcomunicação e Representação Social em Jessier Quirino¹

Antonio Roberto Faustino da COSTA²

Arão de Azevêdo SOUZA³

Cidoval Moraes de SOUSA⁴

Geralda Medeiros NÓBREGA⁵

Luiz Custódio da SILVA⁶

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB⁷

RESUMO

Merecedor de atenção no cenário da poesia popular nordestina, Jessier Quirino tem revelado, através da sua obra, um universo instigante para pesquisa. O matuto, como portavoz do seu discurso, é classificado muito em função das suas condições sociais e dos “valores do campo”, os quais podem perfeitamente ser encontrados em pessoas que moram em cidades. É a partir deste sujeito (o matuto), que lançamos o olhar para a poesia matuta, para os traços comunicacionais utilizados para criação (ou personificação) deste personagem e para a forma como ele é projetado nos versos quirinianos.

PALAVRAS-CHAVE: folkcomunicação; Jessier Quirino; poesia matuta; representação social.

1 Introdução

Embora corramos o risco de recair na adoção de um rótulo que distancia as criações artísticas mais do que as aproxima enquanto linguagem humana, a poesia de Jessier Quirino será enquadrada aqui como sendo uma poesia matuta. Isso não implica desconsiderar, é claro, a pertinente advertência de Tavares (1998): “tenho feito restrições ao uso do ‘poema matuto’ quando ele me parece deformar desnecessariamente o modo de falar das pessoas” (TAVARES, 1998, p. 10). Para o autor, o problema não está

¹ Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação das Divisões Temáticas, no XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social/UEPB, e-mail: robertofcosta@uol.com.br

³ Professor Mestre do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: araodeazevedo@gmail.com

⁴ Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social/UEPB, e-mail: cidoval@gmail.com

⁵ Professora Doutora do Curso de Mestrado em Literatura e Interculturalidade/UEPB, e-mail: gmnobrega@uol.com.br

⁶ Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social/UEPB, e-mail: custodiolcjp@hotmail.com

⁷ Trabalho vinculado ao projeto de pesquisa “Trajetória, tendências e perspectivas folkmidiáticas da poesia matuta na Paraíba”, financiado pelo Programa de Incentivo à Pós-Graduação e Pesquisa da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UEPB (EDITAL/PROPESQ/PRPGP/UEPB/01/2008).



necessariamente no modo de falar das pessoas ou nas distorções relacionadas à língua culta, mas tem a ver com a poesia que representa o matuto como sendo um “débil mental” ou “idiota simplório”.

Outrossim, talvez, devêssemos chamar a arte de Jessier Quirino de poesia regional nordestina. Observamos, ainda, que a poesia pode ser classificada em “erudita” e “popular”. Esta última subdivida em: **poesia oral**, imbuída de um forte teor narrativo; **poesia matuta**, representativa de valores da zona rural; e **poesia de cordel**, formada pela métrica e a embalagem, sendo possuidora de traços de oralidade e ligada às classes populares e, em boa medida, ao Nordeste brasileiro. Entendemos que a poesia de Quirino permeia a poesia oral, a matuta e a de cordel, devido a sua vivência com o universo rural e interiorano.

2 O Espaço Onde Habita a Poesia Quiriniana

A poesia de Jessier Quirino, paraibano de Campina Grande e radicado por opção em Itabaiana, terra de Sivuca, pode ser classificada como uma poesia rural, o que não impede o autor de transitar por outras temáticas, buscando o espaço urbano como matriz para uma outra produção que faz repercutir sua obra na esfera midiática (COSTA; SOUSA, 2009). Quanto ao universo dos poemas rurais, Quirino se posiciona como um *flâneur* dentro das brenhas nordestinas, a observar uma geografia física e humana, com o olhar de um “observador participante” revelando o modo de vida de um grupo social dentro do espaço rural.

[...]
Sem o conforto se quer
Com suas latas furadas
E a cacimba tão distante
[...]
De taipa e barro é seu ninho (QUIRINO, 2001, p. 15).

No poema **Zé Qualquer e Xica Boa**, ao descrever o modo de vida do matuto, Quirino (2001, p. 15-18) ressalta duas situações muito recorrentes da zona rural nordestina: a falta d’água, que muitas vezes transforma em flagelo a vida dessas pessoas, e a condição social e de moradia dos mesmos. Assim sendo, a voz poética enfoca a relação estabelecida entre o homem e a natureza, entre o mínimo vital e o mínimo social (CANDIDO, 2003).

DEPRESSA
Visitar depressinha
Sevirinim Puxa-Tripa
Deixou de herança
Um pé de fruta-pão e um rádio... (QUIRINO, 2001, p. 53, grifo nosso)



A relação do homem nordestino com a terra, especialmente na zona rural, é quase visceral. Há um apego muito forte à natureza ao ponto de haver uma relação sagrada entre um homem e um animal, geralmente criado para servir de alimento e que, na hora de sacrificá-lo, é como se perdessem alguém da família. No poema **Caderneta de matuto**, Quirino (2001, p. 53) enfoca essa relação sagrada ao passar a uma árvore frutífera o estatuto de única propriedade. Neste caso, um dos poucos bens que o homem rural tem, além da terra.

Foi seca batendo palma
Na porta do milharal
E o cumpade de arranco
Fugindo pra capital
Deixando um quintal rachado
Com lençóis enferrujados
Rangendo pelo varal (QUIRINO, 2001, p. 63).

Para quem sofre o drama das secas nordestinas, só há duas alternativas: ficar ou partir para as cidades. Nas duas situações, as condições são idênticas. Magalhães (1970, p. 85), referindo-se ao sertanejo, diz que ele trava uma batalha de “sol a sol, sem cessar, contra a natureza”, uma vez que o clima nordestino e as dificuldades enfrentadas é que formam esse matuto.

Essa luta se dá em duas frentes: contra as intempéries da natureza física ou da natureza das civilizações urbanas. De fato, uma das maiores dificuldades do homem rural nordestino é a falta d’água, aliada também ao descaso da falta de políticas públicas. Situação retratada no cancionário popular nordestino através de Luiz Gonzaga, Patativa do Assaré, Catulo da Paixão Cearense, entre outros.

Senador – Agora vamos falar de Nordeste. Como é verdadeiramente o quadro da seca no Nordeste?

Matuto – *Olhe: De bicho de cabelo, só quem escapa é escova, de bicho de fôlego, só quem escapa é fole, e animal de quatro pé, só escapa tamborete.* (QUIRINO, 2001, p. 80, grifo do autor)

A voz poética revela um quadro da secas nordestinas desolador. Por falta d’água, muda-se o homem, morrem os animais, definha a vegetação. Nada escapa à força da natureza. Em boa medida, essa é a natureza física e geográfica que permeia a parte semi-árida da região Nordeste e molda o habitante desse espaço.

SABER: Porque imbuías e sucupiras

Estão morrendo de madeirite (QUIRINO, 1998, p. 157).

No fragmento acima, o poema **Caderneta de matuto II** mostra a preocupação do homem rural com o desmatamento e a transformação dessas árvores em madeira prensada para a construção civil. Muito embora, esse mesmo homem também contribua para o desmatamento.



A poética de Jessier Quirino não revela só as secas nordestinas. Não é só uma estética do sofrimento. Ela muda, assim como muda a própria natureza e o homem rural com a chegada da invernada. E se chove, o homem rural, moldado pela geografia, tem a abundância de alimentos provindos da natureza. É laranja, manga, limão, jaca, caju, é gado e pasto, tudo em fartura.

Da ribanceira pra baixo
É sítio Caga-Chapéu
(...)
Vê gado e capim-mimoso
Em estado de baixio
Em estado de balaio
Laranja, manga e limão
Pé de jaca jaquejando
E caju de vez em quando
Cajuindo pelo chão (QUIRINO, 2006, p. 33).

O espaço rural modifica o modo de vida desse grupo social de acordo com as estações do ano, inverno ou verão. A natureza propicia a esse grupo a obtenção do mínimo vital de alimentação e social (CANDIDO, 2003), criando condições de sobrevivência, adaptação e permanência no local.

3 A Representação do Matuto

Zumthor (1993) diz que a voz poética assume a função de transmissora da memória de um grupo, revelando os hábitos dessa comunidade. A poética de Jessier Quirino assume essa função de reavivamento da memória rural nordestina, principalmente após a morte de Patativa do Assaré, haja vista o poder de aceitação e penetrabilidade dos seus poemas na mídia nacional.

No poema **Zé Qualquer e Chica Boa**, a voz poética chama para si a função de descrever o modo de vida do matuto. Uma espécie de manifesto em defesa do modo de vida e do caráter do matuto.

Empurra a cancela Zé
Abre o curral da verdade
Pra mostrar pra mocidade
Como é que vive um Zé
(...)
Um Zé arame farpante
Feito de gente e de fé. (QUIRINO, 2001, p. 15).

A verdade que busca essa voz poética, decerto, não é a mesma que as outras pessoas têm do matuto. É uma verdade que não esconde as condições sociais, mas revela uma força maior, seja ancorada na bravura, seja ancorada na religião e no sagrado.



O Zé que se aprisiona
Aos cacos velhos da enxada
Que nasce herdeiro do nada
E qualquer lado é seu caminho
Medalhas, são seus espinhos
Quedas de bois são batalhas
Seus braços, duas cangalhas
[...]
Peitando graveto torto
Um dos três vai sair morto
Ou ele, a besta ou o boi... (QUIRINO, 2001, p.15).

O matuto, na concepção de Jessier Quirino, ao se deparar diante o processo de modernização das sociedades e das fortes secas, se refugia no seu modo de vida cultural, tornando-se um defensor dos seus valores morais e culturais. O espaço rural retratado no poema é o sertão, um lugar de contrastes variados, onde a força física emana de corpos em que a massa muscular se faz ausente. Para Magalhães (1970), do morador dos sertões “não se pode esperar mais do que o seu poder de resistência heróica”.

Para Quirino (2001, p. 16), entretanto, a grandeza está no valor moral do seu caráter, como podemos observar:

O Zé que assim se conduz
Nas brenhas deste sertão
O Zé Ninguém, Zé Qualquer
Mas o Qualquer desse Zé
Não é qualquer qualquer não.

É um Qualquer niquelado
Acabestrado num Zé
Não é Zé pra qualquer nome
Nem Qualquer pra qualquer Zé...

Mas quem seria esse Zé?

Sois argumento de foice
Sois riacho correntoso
Tu sois carquejo espinhoso
Sois calo de coronel
Sois cor de barro a granel
Sois couro bom que não mofa
Sois um doutor sem farofa
Sem soqueira de anel.

Sois umbuzeiro de estrada
Sois ninho de carcará
Sois folha seca, sois galho
Sois fulô de se cheirar
Sois fruto doce e azedo
Sois raiz que logo cedo
Quer terra pra se enfiar.

No inverno sois caçote
Espelho de céu no chão



Chorrochochó de biqueira
Espuma de cachoeira
Sois lodo, sois timbunção
Sois nuvem quebrando a barra
Violino de cigarra
Afinando a chiação.

Sois bafo de cuscuzeira
Sois caldo de milho quente
Sois a canjica do milho
Sois milho pessoalmente
Tu sois forte no batente
Tu sois como milho assado
Se não for bem mastigado
Sai inteirinho da gente (QUIRINO, 2001, p. 16-17).

Percebemos que a preocupação da voz poética está em relacionar o matuto à própria natureza. O matuto, no poema acima, é o próprio reflexo do seu *habitat*. Mas, neste caso, é importante observarmos que o matuto é visto com olhar positivo, uma vez que sua imagem está relacionada ao inverno, à floração, ao alimento, aos animais, e ao caráter íntegro, mesmo distante dos processos educacionais. Jessier Quirino, neste caso, retrata os valores e hábitos do matuto com a preocupação de enaltecer o modo de vida dessas pessoas. Para Alberto da Cunha Melo (cf. QUIRINO, 1998), tudo isso feito com uma “extraordinária capacidade de observação, de observador participante”.

Sois um Zé Qualquer do mato
Provador de amargor
Tu sois urro, sois maciço
Devoto do padre Ciço
Sois matuto rezador
O Zé Qualquer em pessoa
Marido de Chica Boa
O teu verdadeiro amor (QUIRINO, 2001, p. 17)

O sagrado e a religião fazem parte, também, do universo mítico do matuto. Há uma espécie de busca por explicações que fogem à sua compreensão. Por outro lado, o sagrado e a religião funcionam como balizadores das desigualdades enfrentadas no dia-a-dia. “Não há povo, por mais primitivo que seja, em que não se veja a religião”, afirma Malinowski (*apud* SILVA, 2004, p. 55). Quanto mais distante dos processos que formam as sociedades modernas, mais próximos do sagrado e da religião os homens se encontram. De certa forma, quando não há explicação para fatos naturais ou catástrofes, o apelo ao sagrado ou a religião cumpre uma função de dar respostas a determinados fatos.

A poesia de Jessier Quirino não tem o cunho social que tem a poética de Patativa do Assaré. Porém, o matuto, tanto em Jessier quanto em Patativa, é um sujeito consciente do seu papel enquanto cidadão e que sabe onde estão as causas e as soluções para os seus problemas. Esse discurso é empregado porque o matuto tem consciência dos seus valores e



que eles são talhados no espaço rural, no espaço da sua convivência. A sua identificação com o espaço rural é que dá condição para que ele se posicione nesse sentido.

A perda dessa identificação, ou melhor, a reconfiguração/desenraizamento dessa identidade se dá quando esse matuto é convidado a migrar, geralmente para o Sul (São Paulo ou Rio de Janeiro, sendo chamado por boa parte dos Nordestinos de Sul ao invés de Sudeste) em busca de uma melhor condição de vida. De acordo com Penna (1998, p. 108), essa “migração acarreta mudanças no modo de vida, no nível do trabalho, da inserção comunitária”. No poema **Acontecença matuta I: quando o nordestino do Sul recebe notícias do Nordeste**, a voz poética caracteriza dois tipos de nordestinos: o do Sul e o do Nordeste. Neste caso, Penna (1998) diz que o processo de migração cria situações de “(re)construção de referenciais de vida”. A identidade social do matuto enquanto nordestino recebe a influência desse processo de migração do espaço rural para o urbano.

Distante das tecnologias modernas de comunicação, o recurso utilizado por boa parte dos moradores de zonas rurais para se comunicarem com os parentes que moram fora ainda é a carta. Muito embora, o uso de celulares nas comunidades rurais já seja uma realidade. Porém, a cobertura do serviço de telefonia móvel ainda não é realidade em todo o território nacional.

Cumpade Migué dos Cocho
Cumpade véi sem pantim
Quem te escreve é Zé de Nuca
O teu cumpade Zezim
Pedindo logo licença
Pra falá das contecença
Dizer tim-tim por tim-tim (QUIRINO, 1996, p. 24)

Num outro poema, **Acontecença matuta II: a resposta**, o matuto que migrou para São Paulo relata suas experiências, também através de carta. Importante observamos que os fatores que levam o homem rural a abandonar a sua terra e migrar para outros centros deve ser visto como um processo de resistência. Assim sendo, concordamos com Penna (1998, p. 104) ao enfatizar que essa resistência é uma forma de combater a exploração e a dominação, assim como as adversidades da natureza e a falta de perspectiva de vida em sua terra natal.

Por outro lado, em muitos casos, a condição desse matuto não se altera com o processo migratório. A sua condição social permanece como antes da migração:

Por aqui tá um sufoco
Nós veve de pouco a pouco
Mode ladrão e puliça
[...]
Nós só pensa em apurar



Os dinheiro das passage
Pra mode nós ir simbora... (QUIRINO, 1996, p. 29)

Mesmo com toda a situação de arrependimento, o que se observa é que a busca pelo “sonho e a felicidade” (PENNA, 1998) foram tentadas, numa procura por uma vida melhor.

Os processos migratórios geralmente conduzem os nordestinos, de um modo geral, para zonas periféricas dos grandes centros, expondo-os a situações de violência e miséria, como mostra o poema abaixo.

Zé Fuxico ispragatou-se
De baixo dum caminhão
Coió escapou fedendo
Dos tiro do esquadrão
[...]

Tou vivendo de biscái
Até quando inda não sei
Sei que não posso vivê
Pro riba desse aperrêi

[...]

Se tiver boi assinado
Fiquei aí por esses lado
E segure Maria Rosa (QUIRINO, 1996, p. 32).

A poesia de Jessier Quirino retrata um tipo social que sofre com as condições climáticas de sua origem e com as situações encontradas no processo de migração para os centros urbanos. Desarraigado do seu entorno, a alternativa é voltar para o espaço rural e reconstruir os laços de pertencimento. Para Albuquerque Junior (1999, p. 312), “a região Nordeste se construiu como um dos principais momentos de recusa da modernidade no país”. Assim, os processos migratórios do homem rural nordestino representados no poema de Jessier Quirino confrontam o espaço urbano/violento com o espaço rural/sobrevivência.

Nesse mesmo campo da recusa de uma nova sociedade, a representação do matuto na poética de Jessier Quirino se consolida como uma batalha contra os processos de modernização da sociedade urbana e a influência dessa sociedade na zonal rural, no seu modo de vida. Assim sendo, as batalhas enfrentadas no dia-a-dia do matuto nas cidades grandes não é só uma luta pela sobrevivência através da aquisição de bens materiais e de consumo, mas é uma luta pela conservação de seus valores e a apropriação de outros. Evidentemente que isso pode aparecer uma forma essencialista de se enxergar o matuto e o seu modo de vida cultural. Na prática, o matuto quer sim ter sua parabólica, minimizar as distâncias entre o espaço rural e o urbano.



Entretanto, esse matuto está ligado a terra, aos seus valores e isso tem um valor muito maior para ele, como podemos observar no trecho abaixo:

Indagorinha eu passava
Lá pulas Praça da Sé
Foi me dando uma friage
Não pude ficar em pé
Vi um pé de umburana
Um juá, um marmeleiro
Avistei um boiadeiro
Muntado num pangaré

Tou sofrendo má de banzo
Um sofridão amuado
Eu não troco dez São Paulo
Por um trecho de roçado
Já acabei minhas posse
Vai ver o que é bom pra tosse
Se tu vier pr'esses lado. (QUIRINO, 1996, p. 30)

O poder de adaptação e superação dos problemas encontrados no dia-a-dia faz do matuto um especialista em resolver problemas cotidianos. Ele encontra na natureza uma farmácia a céu aberto para curar enfermidades de vizinhos e parentes. Assim como a prática na lida com o gado o transforma em veterinário, aplicando injeções, castrando animais de pequeno porte como porcos e galos. No poema **Sou doutô da merdica**, o poeta retrata um matuto conhecedor das “necessidas” e dos “Brasis” real e o oficial.

Cumpade eu não sou formado
No istudo das farcudade
Mas nos Brasis que eu ando
Basis das necessidades
De tanto vê sofrimento
Já fiz muito tratamento
Já sou doutô de verdade. (QUIRINO, 1996, p. 40)

O matuto quiriniano tem um espírito medievo. O apego aos valores campestres o transforma num observador dos hábitos, costumes, crenças, linguagens e no modo de vida. Mas, dentro dessa natureza, está inserido o próprio matuto, com suas várias facetas e papéis, como podemos observar no poema **No terreiro da fazenda**:

Caboca varrendo pra lá e pra cá
Com laço de fita no mêi do cangote
[...]

Matuto conversa miolo de pote
Grudado num rádio da R C A
[...]

Menino buchudo chupando um manga
Com o bucho breado que chega a brilhá
[...]



Matuto leiteiro chêi de nove hora
Encosta o jumento pra se apiá
[...]

Didi e Mimosa de Maria Pombo
Ajeita o cabelo, no pega-rapaz
A Nêga Marica de Chico Tomás
Catando piolo em Têca e Tequinha
O aleijadinho de Dona Zefinha
Balança o pezinho tangido pra trás
[...]

E vem do roçado Seu Zinho Pachola
Trazendo um balaio sem se ajudá
[...]

Vem Maria Pombo trazendo um cajá
Com uma de cana pro Véio Pachola (QUIRINO, 1996, p. 98-100).

O terreiro nas casas da zonal rural é a grande sala da casa. Tudo acontece em sua volta. É o espaço das trocas de experiências, das cantigas e brincadeiras de roda, dos encontros, das conversas, das paqueras e das traquinagens de meninos. O terreiro é a grande praça da cidade rural onde o matuto recebe os seus compadres, onde tudo acontece à volta.

Já no poema **Caderneta de Matuto II**, a voz poética, numa referência a contribuição de Luiz Gonzaga para a cultura nordestina, revela um matuto consciente do seu papel de representante da sua região ao comparar a sua visão da região com a visão do “Rei do Baião”.

SABER quanto tem de Luiz
No xotezinho que’u fiz (QUIRINO, 1998, p. 157)

Quirino recria um matuto defensor da sua cultura, por conseguinte, também da cultura brasileira:

Levar o gibão em Mané do Couro
Saber se essa porra é Made in Brazil (QUIRINO, 1998, p. 157).

O espaço geográfico onde mora esse matuto é a zona rural, caracterizada pela distância em relação à cidade.

Daqui até lá em casa? No Sítio Caga-Chapéu?
Dá um bocado de légua
Mas não é leguinha besta, nem légua de beíço não.
É légua macha, abafada
Dessas légua macriada, medida a rabo de cão (QUIRINO, 1998, p. 157).

Ao recriar o espaço da vivência do matuto numa zona rural e distante do espaço urbano, Jessier Quirino propõe, com isto, evidenciar a dificuldade que essas pessoas têm para ter acesso aos produtos da modernização urbana, assim como tudo para ele é distante. Evidentemente, isto não é uma posição de relatividade do ângulo de quem enxerga do



espaço rural para o urbano ou vice-versa. É uma questão de distanciamento de políticas de inclusão social e econômica. A vida do matuto se acentua cada vez mais pelo contraste entre os mínimos vitais de alimentação e social encontrado por ele e as possibilidades que a modernização propicia aos cidadãos.

4 A Oralidade nos Poemas Quirinianos

Uma das características da poesia matuta é a recriação do universo rural. Mas, a recriação desse espaço deve levar em consideração os aspectos naturais e humanos. Um depende do outro. Não há homem sem a natureza. E natureza que não seja reinterpretada, recriada, modificada pelo homem. Antes mesmo de ser materializada em textos escritos, essa natureza é transportada pela fala do homem através da oralidade. E, nesse ponto, a cultura popular toma a dianteira e se posiciona como depositária do *habitat* do homem rural, através da oralidade.

As poesias selecionadas de Jessier Quirino para esse estudo demonstram que em todos os poemas estão presentes índices de oralidade da cultura popular nordestina. Neste caso, chamamos a atenção para o fato de que, em boa medida, a transcrição da voz para a escritura nos poemas se dá através de um vocabulário pitoresco do Nordeste, onde muitas das palavras e expressões estão sendo esquecidas. Ao transpor para sua poesia esse vocabulário, Quirino faz uma etnografia da linguagem, dos hábitos, da cultura do matuto. A sua poesia servirá como documento da memória do homem nordestino.

A transcrição da voz para a escritura nos poemas de Jessier Quirino se dá em dois contextos. No primeiro, o matuto é representado com uma linguagem própria do meio rural, mas sem a exploração dos vícios de linguagem, da deformação da sua fala, onde erros gramaticais aparecem muito sutis, como é o caso do poema **Uma paixão pra Santinha**:

No apolegar das tetas
Nos chamego penerado
Nas misturação das perna
Nos cafuné do molengado
Nos beijo mastigadinho
Nos açoite de carinho
Nós era bem escolado (QUIRINO, 2001, p. 36).

Um outro exemplo é o poema **Zé Qualquer e Chica Boa**:

Sois argumento de foice
Sois riacho correntoso
Tu sois carquejo espinhoso
Sois calo de coronel



Sois cor de barro a granel
Sois couro bom que não mofa
Sois um doutor sem farofa
Sem soqueira de anel

[...]

No inverno sois caçote
Espelho de céu no chão
Chorrochochó de biqueira
Espuma de cachoeira
Sois lodo, sois timbungão
Sois nuvem quebrando a barra
Violino de cigarra
Afinando a chiação (QUIRINO, 2001, p. 16).

No segundo contexto, na transcrição da voz para a escritura nos poemas quirinianos, o matuto é representando como um sujeito que ficou à margem de uma formação culta. A voz poética recria a fala do matuto tal qual é pronunciada. Neste caso, Tavares (1998) diz que um dos problemas da poesia matuta é quando ela deforma “desnecessariamente o modo de falar dessas pessoas”. Vejamos como se dá a transcrição dessa voz para a escritura.

Baxada dos Ri dos Boi
Doze do mês de Santana
Sexta-feira quaje sábo
Do ano que nos engana

Cumpade Migué dos Choco
Cumpade véi sem pantim
Quem te escreve é Zé de Nuca
O teu cumpade Zezim
Pedindo logo licença
Pra falá das contença
Dizer tim-tim por tim-tim...

[...]

A bixiguenta da Lôla
Laigô de mão Zé Pinote
Que morreu dum trupição
Cu's quengo cheim de mote... (QUIRINO, 1996, p. 24-28)

Meu cumpade Zé de Nuca
Recebi suas nutiça
E já li, já dei risada
Já espalhei pra mundiça...

[...]

Visei um pé de pereiro
Em prena via São João
Uma moita de mufombo
Vi três jumento fujão
Vi catrevage de feira
Chapéu de couro e gibão (QUIRINO, 1996, p. 29-31).



Percebemos que Jessier Quirino, em boa medida, não propõe uma deformação proposital da fala do matuto. Na escritura, ele usa do erro real e freqüente na fala cotidiana desse homem rural, onde os processos educacionais fizeram-se distantes. Algo semelhante ao que aconteceu ao dialeto caipira que, segundo Aires, Abud e Araújo (2009),

encontra-se acantado em pequenas localidades que subsistiram ao progresso, afora, isso, está presente na fala de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação. No entanto, certos resquícios são observados e ainda flutuam na linguagem corrente, em luta constante com outras tendências geradas pelas novas condições, principalmente, pela evolução tecnológica e pela globalização.

Entre o discurso oral e o escrito e suas inter-relações, Zumthor (1993) diz que há três tipos de oralidades, ambas correspondentes a três tipos de cultura. A oralidade *primária* não mantém nenhum tipo de contato com a escritura; a oralidade *mista* é aquela que o controle da escritura se mantém externo, sem muita influência; e a oralidade *segunda*, a qual necessita da cultura letrada.

Nos poemas quirinianos, o matuto é construído num universo da oralidade mista. Uma das marcas da oralidade mista é o desprendimento às normas da linguagem culta. Ao transpor para os seus poemas essa linguagem, Jessier Quirino consegue retratar a maneira autêntica com que o matuto se expressa, além de suas peculiaridades.

Em nosso estudo, não temos a intenção de nos debruçarmos sobre o léxico nos poemas quirinianos, mas compreendemos a função que ele representa para a constituição da poesia matuta. Ao transpor para a escritura os índices de oralidade da fala do matuto, Jessier Quirino consegue fazer com que seus poemas representem de forma muito mais clara o universo do homem rural, dando um sabor pitoresco aos seus poemas.

Jessier Quirino utiliza da criação de regionalismos para recriar uma realidade lingüística do homem rural nordestino, assim como explora o lado lexical através de neologismos, uma marca muito forte da sua poesia. Para Oliveira (2006, p. 28), “o léxico não se renova apenas de neologismos, formado de palavras inéditas, mas também na mudança de significado, através da metáforização e metonimização”. Com esses recursos, Jessier Quirino consegue com que seus poemas assumam outros contextos situacionais da vida desse personagem, o matuto.

Vejamos como isso se dá nos poemas **Banheiro de matuto**, **Sou doutô da merdica** e **Endereço de matuto**:

Mas será um impussive
Que’u sou assim tão frechado!
Diz o matuto tinhoso
As vezes inté má-criado
- Entrei esse abafadiço



Mode fazer um serviço
Saí todo serviçado (QUIRINO, 1996, p. 97)

[...]
Curei froxidão dos neuvo
Que é morrê cum peido dentro
Arfação, andaço e bolo
E má de instatalamento... (QUIRINO, 1996, p. 40-41)

[...]
É ladeira enladeirada
Se o cabra sobre fumando
Cai cinza dentro do zói... (QUIRINO, 2006, p. 33)

Na obra de Jessier Quirino, os índices de oralidade variam de acordo com cada poema. Em alguns, a repetição, o uso de formas coloquiais, gírias, arcaísmos, entre outros, podem revelar os índices que fazem parte do repertório do matuto. Com isso, ao usar da linguagem do matuto para dar uma contextualização aos seus poemas, Quirino consegue recriar o modo de vida do matuto paraibano.

5 Considerações Finais

Entendemos que há nos poemas quirinianos um vasto campo para apreciação da cena regional nordestina, tendo como mote principal o olhar da cultura popular sendo visto pelo próprio homem, o matuto. A poética de Jessier Quirino é considerada como sendo matuta, uma vez que a linguagem recriada e o espaço onde transita sua temática tem como característica o universo rural, ainda que não limitado a este.

Longe de uma visão essencialista e mobilizando estratégias de sobrevivência assim como o caipira (SCHMIDT, 2009), o matuto sempre conviveu com signos da modernidade (quicá, da pós-modernidade), transformando o seu modo de vida numa cultura de fronteira entre o arcaico e o moderno, entre o campo e a cidade, entre o folclore e a cultura de massa (BAKHTIN, 1999; BELTRÃO, 1980; BENJAMIN, 2004), enfim, entre o local e o global (SOUSA; SILVA; COSTA, 2009).

Referências

AIRES, Maria de Jesus Ferreira; ABUD, Adriana Milharezi; ARAÚJO, Sílvia Regina Ferreira Pompeo. O falar caipira presente em letra de música. In: Conferência Brasileira de Folkcomunicação, 12. **Trabalhos...** Taubaté-SP, 2009. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Folkcom%202009/arquivos/Trabalhos/41-Folkcom%202009%20-%20O%20falar%20caipira%20em%20letra%20de%20música%20-%20Mar_.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2010.



- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas cidades; 34, 2001.
- COSTA, Antonio Roberto Faustino da; SOUSA, Cidoval Morais de. **Perspectivas Folkmidiáticas da Poesia Matuta**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3417-1.pdf>> Acesso em: 12 out. 2009.
- MAGALHÃES, Agamenon. **O Nordeste brasileiro**. Recife: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco/Departamento de Cultura, 1970.
- OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Um olhar léxico-semântico sobre o vocabulário regional em Agruras da Lata D'água de Jessier Quirino**. João Pessoa, 2006. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba.
- PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erudina**. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (Org). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Mercado das Letras; São Paulo: Fapesqp, 1998. p. 89-112.
- QUIRINO, Jessier. **Agruras da lata d'água**. Recife: Bagaço, 1998.
- _____. **Bandeira nordestina**. Recife: Bagaço, 2006.
- _____. **Entrevista concedida a Arão de Azevêdo Souza**. Itabaiana-PB, 29 de outubro de 2008.
- _____. **Paisagem de interior**. Recife: Bagaço, 1996.
- _____. **Prosa morena**. Recife: Bagaço, 2001.
- SCHIMIDT, Cristina. Novos caipiras: imagens midiáticas e processos folkcomunicacionais. In: Conferência Brasileira de Folkcomunicação, 12. **Trabalhos...** Taubaté-SP, 2009. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Folkcom%202009/arquivos/Trabalhos/28-Folkcom%202009%20-%20Novos%20caipiras%20imagens%20midiáticas%20-%20Cristina%20Schmidt__tmp4c7a79a3.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2010.
- SILVA, Eli Brandão. O símbolo na metáfora: fronteira entre o literário e o teológico. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (Org). **Literatura e estudos culturais**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.
- SOUSA, Cidoval Morais de; SILVA, Luiz Custódio da; COSTA, Antonio Roberto Faustino da (Orgs.). **Local x global: cultura, mídia e identidade**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.
- TAVARES, Bráulio. Mestre Jessier. In: QUIRINO, Jessier. **Paisagem de interior**. Recife: Bagaço, 1996. p. 02.
- ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz: a literatura medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.